

**DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM NO PROCESSO  
PEDAGÓGICO DE LEITURA E ESCRITA  
NO I CICLO PARA OS PROFESSORES DA E. E.  
“PAULO FREIRE”<sup>1</sup>**

Condack, Juliana do Nascimento Piske<sup>2</sup>  
Bolfe, Juliana<sup>3</sup>

## **RESUMO**

A pesquisa a seguir tem por objetivo, analisar as principais dificuldades presentes nos anos iniciais quanto à aprendizagem da escrita e leitura. Busca-se no decorrer dessa, ampliar conhecimentos essenciais para enfrentar o processo de alfabetização; identificar os aspectos relacionados às dificuldades da escrita e leitura nos anos iniciais do ensino fundamental correlacionando com os dados teóricos e a prática vivenciada no processo de alfabetização; levantar principais estratégias e metodologias utilizadas para sanar essas dificuldades. Para melhor entendimento o trabalho encontra-se dividido em capítulos onde apresenta-se um breve percurso nas contribuições para a educação conforme Piaget e Vigotski, abordando as questões metodológicas e as práticas pedagógicas no processo do ensino aprendizagem com contribuições de vários autores, dentre os principais Emília Ferreiro e Teberoski, bem como sugestões das e atividades que possa contribuir para sanar dificuldades apresentadas no processo de alfabetização; Logo os fatores que dificultam a aprendizagem da leitura e escrita nos anos iniciais. Por fim, trará análise de dados e conclusão, seguida por uma relação de referências bibliográficas que foram utilizadas.

**Palavras-chave:** Dificuldades. Aprendizagem. Alfabetização. Anos Iniciais.

## **1. INTRODUÇÃO**

Esta pesquisa visa abordar as questões que envolvem as dificuldades de aprendizagem presentes nos anos iniciais, como também analisar e reter conhecimentos essenciais para enfrentar o processo de alfabetização, tendo o propósito de refletir sobre os aspectos relacionados às dificuldades de aprendizagem na aquisição da leitura e da escrita nos anos iniciais do ensino fundamental.

---

<sup>1</sup> Artigo extraído da Monografia apresentada à Faculdade Educacional da Lapa, como requisito obrigatório para obtenção do título de especialista em Psicopedagogia institucional.

<sup>2</sup> Professora especialista em Psicopedagogia Institucional.

<sup>3</sup> Professora orientadora do artigo **Dificuldades de Aprendizagem no Processo Pedagógico de Leitura Escrita**. no I Ciclo para os Professores da E. E. “Paulo Freire”.

Para isso, o desenvolvimento desse trabalho está organizado em breve percurso nas contribuições para a educação dados por Piaget e Vigotski, bem como reflexões das questões metodológicas e as práticas pedagógicas no processo do ensino aprendizagem com contribuições de vários autores dentre os principais Emília Ferreiro e Teberoski.

Este estudo trouxe como problemática: Quais são as principais dificuldades encontradas e ou vivenciadas no processo de leitura e escrita na sala de aula? E quais são as estratégias ou metodologias utilizadas para sanar essas dificuldades?

Assim, as dificuldades de aprendizagem na escola podem ser consideradas uma das causas que podem conduzir o aluno ao fracasso escolar, por isso é necessário que o trabalho educativo vá além do espaço de sala de aula, mas que também possamos refletir sobre os fatores que interferem no processo ensino aprendizagem que estão presentes em nossa sociedade atual. São muitos os desafios que vivenciamos nos últimos anos na busca garantia de uma educação de qualidade para todos e neste contexto, faz-se necessário reflexões dessas práticas educativas. Reflexões estas que nos leva a pensar a alfabetização como processo dinâmico numa construção social fundada nos diferentes modos de participação das crianças nas práticas culturais de uso da escrita, assim a opção por esta temática levou em consideração que este estudo poderá ensejar uma revisão fundamentada da realidade que envolve as múltiplas relações de ensino-aprendizagem com suas respectivas dificuldades de aprendizagens. Esperamos dessa forma, contribuir para que as decisões educacionais passem a considerar mais os resultados de experiências vivenciadas pelos professores ao longo de seu desenvolvimento profissional.

Foi refletindo sobre estes aspectos que despertou o desejo de pesquisar e analisar o tema desta proposta de investigação. Acredita-se que é de grande relevância a realização desta pesquisa no sentido de poder socializar os conhecimentos apreendidos.

Portanto, espera-se que este trabalho possa ser lido como fonte de pesquisa e consultado como um conhecimento que foi produzido para trazer contribuições à sociedade no sentido de provocar reflexões, instigar novas

pesquisas e favorecer tomadas de decisões mais sólidas e eficazes à educação. Assim, desenvolveu-se o estudo, com a análise de dados e considerações finais, sendo esta pesquisa uma análise reflexiva das principais causas das dificuldades de aprendizagens nos anos iniciais da Escola Estadual Paulo Freire, onde teve a oportunidade de levantar as principais causas que têm contribuído para o fracasso da aprendizagem na aquisição da leitura e escrita e nessa oportunidade, refletiu-se também sobre a ação pedagógica frente a esses problemas apontados. Verificando assim, como se dá a aprendizagem em sala de aula como afirma Lonrenzato (1995), “além de dispor de bons materiais e saber usá-los corretamente é preciso que em sala de aula, o professor assuma a postura de orientador para a aprendizagem”. (1995, pag.127).

Nesse entendimento, a pesquisa em questão teve por objetivo investigar as principais dificuldades de aprendizagem, bem como propor meios para superá-las. Analisar as dificuldades de aprendizagem no início da alfabetização, não é uma questão fácil, mas se torna imprescindível e instigante, pois educar é um desafio que implica parar e reconhecer a necessidade de aprender e de refletir sobre a educação que se pretende oferecer e sobre as condições dessa oferta.

## **2. DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM NO PROCESSO PEDAGÓGICO DE LEITURA E ESCRITA**

Este estudo se fundamenta nas teorias desenvolvidas por Ferreiro (2001), Piaget (1985), Vygotsky (2001) e Teberosky. Acreditamos que se faz necessário conhecer um pouco dos estudos realizados por esses autores consagrados, e que nos trouxeram contribuições para entender o desenvolvimento e as descobertas no que concerne ao nosso estudo na qual nos impulsiona a busca de mudanças significativas e urgentes no fazer pedagógico nas salas de aulas, em especial nas classes iniciais.

Esta pesquisa será baseada nas teorias do construtivismo sócio interacionista que considera o saber como um processo de construção do conhecimento vivenciado pelo indivíduo na interação com o meio onde vive:

família, escola, bairro, comunidade entre outros. E é nessa interação que os conhecimentos e aprendizagens são construídos, Ribeiro (1999).

Embora Piaget (1985) e Vygotsky (2001) tenham partido de pressupostos filosóficos não só diferentes, mas, sobretudo divergentes, ambos acreditam no homem dotado de razão, ativo e transformador na sua relação com o mundo. Para ambos o desenvolvimento está alicerçado sobre o plano das interações, onde Piaget parte do individual para o social e Vygotsky (2001) do social para o individual.

Nessa linha de pensamento que devemos estudar os fenômenos como processos em movimento e transformações, no campo do ensino da leitura e escrita, ou seja, no campo da alfabetização. Os trabalhos de Emília Ferreiro e Ana Teberosky (1994:1995) vão influenciar no desenvolvimento de novas práticas de alfabetização. Demonstrando que a escrita alfabética não era um código, o qual se aprenderia a partir de repetição. Para Ferreiro e Teberosky (1984), assim como para outros pesquisadores (REGO, 1988) Interagindo com a escrita, contemplando seus usos e funções, que as crianças se apropriam da escrita alfabética.

Ler não é decifrar, como num jogo de adivinhações, o sentido de um texto. É a partir do texto, ser capaz de atribuir-lhe significado, conseguir relacioná-lo a todos os outros textos significativos para cada um, reconhecer nele um tipo de leitura que seu autor pretendia e, dono da própria vontade entregar-se a esta leitura, ou rebelar-se contra ela, propondo outra não prevista. (LAYOLO, 1982. AB, p. 59).

Assim, com a difusão dos trabalhos psicogênese da língua escrita, nasce um forte discurso contrário ao uso de métodos tradicionais de alfabetização e a defesa de uma prática que tome por base o movimento e as transformações no processo de construção do conhecimento.

Quando o assunto é construtivismo é impossível não falar do grande mestre e pesquisador Jean Piaget (1896-1980). Este biólogo e psicólogo suíço foi o formulador da teoria do desenvolvimento da inteligência humana e é, hoje, considerado por muitos como o mais importante teórico nessa área. Piaget desde o início privilegiou o caráter epistêmico da ação humana, dizendo que a lógica não é inata, mas que se desenvolve pouco a pouco de acordo com o desenvolvimento intelectual e cognitivo da criança. (RIBEIRO, 1999, p. 18, apud PIAGET, 1985).

O método de estudo de Piaget começou sendo principalmente clínico, isto é, ele observou cuidadosamente como as crianças se comportam em várias situações do 'mundo real, e, baseado nessas observações, desenvolveu suas teorias sobre o crescimento cognitivo.

Ao dividir o desenvolvimento cognitivo em estágios é importante alertar para o fato de que tal divisão não é rígida em termos da idade das crianças. Pelo contrário, há uma flexibilidade quanto a essa divisão, e é oportuno lembrar que o ambiente sócio cultural é uma variável a ser levada em conta quando se trata desta questão. Piaget afirmou que o conhecimento resulta da interação do indivíduo com o meio. É possível inferir, a partir daí, que, quando mais rico é o meio em termos de estimulações, maior será o desenvolvimento da inteligência.

Outro fator a ser levado em conta acerca do desenvolvimento é que ele é contínuo e gradual. Não há saltos entre períodos. Contudo, algumas crianças apresentam uma aceleração no desenvolvimento e ultrapassam períodos, estágios, em idades mais precoces. Pode também acontecer o contrário. A sequência dos estágios, porém, é mantida. Em resumo, todas as crianças passam por estágios. O que pode mudar é a idade em que estará percorrendo um ou outro.

Piaget (1985), dividiu o desenvolvimento intelectual da criança em quatro estágios, aos que denominou: Sensório-Motor, Pré-Operacional, Operações Concretas e Operações Formais.

Este cientista descobriu que o aprendizado é um processo gradual no qual a criança vai se capacitando a níveis cada vez mais complexos do conhecimento, seguindo uma sequência lógica de pensamento.

Segundo Piaget (1985), entre um estágio e outro existe um intermediário no qual convivem em um estado de desequilíbrio, as concepções do estágio anterior, isso por que há vários tipos de assimilação e acomodação realizados pelas crianças e em cada etapa e ou estágio existe um estilo próprio ou característico onde a criança constrói seu conhecimento da realidade.

À medida que a criança for construindo seu conhecimento da realidade, ela diminui seu egocentrismo que era tão presente no início dos primeiros estágios, pois vai formando sua inteligência através de processos de assimilação, adaptação e acomodação, interagindo assim com o mundo externo.

Lev Semyonovitch Vygotsky (2001), de origem judia e russa graduou-se em direito e medicina. Além disso, teve formação literária, filosófica, psicológica e linguística. Contribuiu com seus livros e artigos ao esclarecimento da complexidade e da subjetividade humana – e de seu desenvolvimento. Entre suas principais obras se encontram: “O instrumento e o símbolo no desenvolvimento das crianças: pensamento a linguagem”, “A história do desenvolvimento das funções psicológicas superiores” e também “*O desenvolvimento mental das crianças é o processo de aprendizado*”.

A discussão sobre o aprendizado da leitura e da escrita tem tido contribuições das ideias teóricas de Vygotsky (2001), contribuições estas valiosas no campo educacional, onde o aprendizado da leitura e escrita ocorre num processo cultural, histórico através da interação, ou seja, vistos como um sistema de signos socialmente construídos, que, assim como os instrumentos foram produzidos pelo homem em resposta as suas necessidades concretas sociais e culturais.

Observa-se que em alguns casos, o trabalho da escola nesse processo da leitura e escrita quanto a sua prática parece distanciada da funcionalidade no contexto de uma sociedade cada vez mais letrada, limitando-se aos usos mecânicos e descontextualizados, apesar dos avanços significativos nos estudos sobre o processo de alfabetização, é preciso ir além da repetição mecânica da escrita para a construção dela. Contribuindo para esse pensamento Vygotsky (2001) afirma:

[...] Até agora, a escrita ocupou um lugar muito estrito na prática escolar, em relação ao papel fundamental que ela desempenha no desenvolvimento cultural da criança. Ensinam-se as crianças a desenhar letras e a construir palavras com elas, mas não se ensina a linguagem escrita. Enfatiza-se de tal forma a mecânica de ler o que está escrito que se acaba obscurecendo a linguagem como tal (1998, p.139).

Portanto, o que se entende é que a alfabetização transcende a mecânica do ler e do escrever (codificação/decodificação), ou seja, a alfabetização é um processo histórico-social multifacetado, envolvendo a natureza da língua escrita e as práticas culturais de seus usos. “Alfabetizar não é só ler, escrever, falar sem uma prática cultural e comunicativa, uma política cultural determinada “(FRAGO, 1993, p.27)”. Observa-se, assim, que a concepção de alfabetização tem se ampliado no cenário sócio educacional, estimulando práticas escolares diferenciadas uma vez que tais questões, de uma forma ou de outra, chegam à escola.

Na visão de Vygotsky (2001) o ser humano está imerso num contexto histórico e entende a pedagogia como a síntese de todas as diferentes disciplinas sendo base para o estudo do desenvolvimento humano por se tratar de uma ciência que integra os aspectos biológicos, psicológicos, antropológicos do desenvolvimento infantil. Corroborando com essa reflexão:

Por isso, é de fundamental importância que, desde o início a alfabetização se de num contexto de interação pela escrita. Por razões idênticas, deveria ser banido da prática alfabetizadora todo e qualquer discurso (texto, frase, palavra, exercício) que não esteja relacionado com a vida real ou imaginária das crianças, ou em outras palavras, que não esteja por elas carregado de sentido. (VOLUME I I - Secretaria de **Estado da Educação** do Paraná).

Nesse sentido o trabalho didático precisa proporcionar um ambiente favorável à construção do conhecimento. E para que isso ocorra o professor deve assumir um papel muito importante, o papel de facilitador da aprendizagem e ainda de se colocar como mediador, desafiador, interventor e provocador de situações que levem os alunos a se sentirem desafiados a aprenderem a aprender.

Vygotsky (2001) apresenta também a Zona de Desenvolvimento Real que ajuda a compreender melhor o desenvolvimento do indivíduo e se caracteriza pela capacidade que o indivíduo adquiriu para realizar independentemente suas tarefas sendo decorrentes dos avanços alcançados em etapas anteriores devendo ser observados, no caso de crianças, as funções psicológicas já

consolidadas e para melhor compreensão dos conhecimentos construídos devemos considerar, portanto, o nível Real e Potencial do desenvolvimento.

Percebemos, ainda, que o desenvolvimento da escrita na criança está relacionado às práticas cotidianas (socioculturais) de participação em eventos de leitura e escrita. Nesta direção, os estudos sobre letramento (TFOUNI,1977; SOARES 1999; ROJO,1998; KLEIMAN,1995) focalizam as dimensões sócio históricas na aquisição da língua escrita, mostrando que indivíduos não alfabetizados, mas partícipes das sociedades letradas (da cultura, dos modos de produção e dos valores sociais) constroem concepções a respeito do sistema de escrita e identificam seus diferentes usos e funções.

Por um lado, essa questão dá conta de que as práticas de alfabetização possuem uma dimensão histórica e um significado ideológico, em que podem estar presentes as relações de poder e de dominação. A língua escrita, desde sua origem, está ligada aos processos de dominação-poder, participação-exclusão inerentes às relações sociais, pode estar ligada, também, ao desenvolvimento sociocultural e cognitivo dos povos, provocando mudanças significativas nas práticas comunicativas (TFOUNI,1997).

O saber que é construído se dá em uma aprendizagem, processual e acontece de forma diferente para cada um, já que cada indivíduo presenciou e ou participou de diferentes contextos sociais e culturais, cada um traz consigo uma bagagem e é natural que na alfabetização estejam em níveis diferentes assim podemos considerar que:

O ponto de partida dessa discussão é o fato de que o aprendizado das crianças começa muito antes de elas freqüentarem a escola. Qualquer situação de aprendizagem com a qual a criança se defronta na escola tem sempre uma história prévia. Por exemplo, as crianças começam a estudar aritmética na escola, mas muito antes tiveram alguma experiência com quantidades - tiveram que lidar com operações de divisão, adição, subtração e determinação de tamanho. Consequentemente, as crianças têm sua própria aritmética pré-escolar, que somente os psicólogos míopes podem ignorar. (VYGOTSKY, 1998, p, 110).

É preciso ressaltar que a criança quando está diante do aprendizado da escrita se depara com algumas dificuldades e ou dilemas, pois tende a escrever como fala, a não ter organização espacial da grafia, é essencial, portanto que se



criem situações para a compreensão da escrita ortográfica para que a criança possa criar hipóteses e comparações, já que a escrita ortográfica não acontece de forma passiva. . A esse respeito Cagliari comenta:

[...] Desde os primeiros contatos com a escrita, o aluno ouve o professor dizer que o nosso sistema é alfabético e que isso significa que escrevemos uma letra para cada som falado nas palavras. Nosso sistema usa letras, às quais são atribuídos valores fonéticos. Mas o uso prático desse sistema não se reduz a uma transcrição fonética. Portanto, o professor não pode dizer simplesmente para o aluno observar os sons da fala, as vogais, as consoantes, e representá-las na escrita por letras. Esse é o primeiro passo, mas não é tudo. Feito isso o aluno precisa aprender que, se cada um escrevesse do jeito que fala, seria um caos. (CAGLIARI, 1998, p.354).

Nesse sentido, a escola promoverá o sucesso ou o insucesso do aluno, dependendo que postura adotará se de uma instituição onde os conhecimentos são expostos, imposto e aplicados ou de uma instituição que assuma uma postura de orientação e que mediará a construção do conhecimento por meio de interação, sócio cultural com a participação dos envolvidos

### **3. MATERIAIS E MÉTODOS**

As escolhas dos aspectos metodológicos de um trabalho de pesquisa são de suma importância, pois há inúmeras metodologias de trabalho e a melhor adequação dos meios indicará a eficácia da pesquisa. Os objetivos deste trabalho apontam para um desenvolvimento de estudo de campo para obter dados e mediar situações.

Como se pretende analisar as dificuldades que os alunos do I ciclo da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Paulo Freire, tal pesquisa tem caráter qualitativo e descritivo e dialético, visto que procura descrever opiniões na forma de coleta de informações, de maneira a entender os processos dinâmicos adotados pelos sujeitos da pesquisa.

Este estudo também visa propor estudo das metodologias de ensino que contribua para aprimoramento da aprendizagem, isso em uma perspectiva dialética, que acaba por caracterizar em uma modalidade de pesquisa-ação.

Para tanto, o estudo terá como alvo as experiências e relatos dos professores das três turmas existentes nesta escola e também da coordenadora

pedagógica. Nessa abordagem, os significados precisam ser interpretados pelo pesquisador, que é influenciada ao mesmo tempo, pelos textos lidos e pelos valores e crenças que possui resultado das experiências vivenciadas. Dentro das ideologias que norteiam os pensamentos dos autores citados anteriormente é impossível realizar uma pesquisa mantendo-se neutra, na pesquisa bibliográfica existe uma interlocução constante entre o pesquisador e o texto possibilitando a produção de conhecimento.

#### 4. ANÁLISE DE DADOS

Dados coletados cujo objetivo foi verificar as causas e implicações das dificuldades de aprendizagem e identificar as problemáticas que afetam alunos portadores dessas dificuldades perceberam que a queixa mais frequente nas turmas observadas remete-se a leitura (dislexia) e as dificuldades na escrita (disgrafia). Contribuíram para a coleta de dados as seguintes pessoas:

- ✓ Coordenadora que será chamada de Esperança;
- ✓ Professora da 1ª fase do 1º Ciclo que será referida como N;
- ✓ Professora da 2ª fase do 1º Ciclo que será nomeada como X;
- ✓ Professora da 3ª fase do 1º Ciclo que será chamada de Y;

Neste contexto, coletaram-se os seguintes dados, após observações de sessenta (60) alunos, fornecidos pela coordenadora pedagógica Esperança.

<b>Alunos</b>	<b>Dificuldades verificadas</b>
Quarenta (40)	Apresentam alguma dificuldade na leitura e escrita.
Doze (12)   ciclo 2ª e 3ª fase.	Leem de forma decodificada.
Oito (8) alunos   ciclo 1ª fase	São faltosos e família ausente implicando atraso na aprendizagem.

Esses dados foram coletados segundo avaliação e fichas de acompanhamentos realizados pela escola a cada bimestre. Observa-se que após a análise de dois bimestres, não se constatou nenhum avanço e segundo a coordenadora, isso se deve a falta da implantação de novas metodologias e que falta preparo nos profissionais e mais conhecimento na área da psicopedagogia.

Ensinar não significa, simplesmente, ir para uma sala de aula, onde faz presente uma turma de alunos e “despeja” sobre ela uma quantidade de conteúdos. O professor precisa possuir habilidades, na utilização e aplicação de procedimentos de ensino. É como nos diz Vigotsky (2001) “O único bom ensino é aquele que adianta ao desenvolvimento”.

Analisando os dados coletados do questionário. A professora “X” da 2ª fase I ciclo ressalta que a maior dificuldade está no aspecto familiar, pois a maioria de seus alunos que compreende 60% são filhos de pais separados e ou filhos de mães solteiras sendo que uma hora estão com as mães, outra com a avó e ainda algumas com tios ou vizinhos, trazendo influência negativa repercutindo fortemente na sala de aula onde os alunos se mostram agressivos e com muita dificuldade na aquisição da língua e da escrita.

Ela tem procurado trabalhar o lúdico e com atividades diferenciadas, mas tem surgido pouco efeito, acredita que nestes casos precisa de uma maior intervenção pedagógica, preocupada com o fazer pedagógico para assim estar contribuindo com a ação didática e mais formação voltada a este foco. Cagliari ao se reportar à competência técnica do alfabetizador, destaca:

Os cursos de formação de professor têm se preocupado muito com outros aspectos da escola, dando muitas vezes um valor indevido aos aspectos pedagógicos metodológicos e psicológicos. Como educador o professor precisa ter, uma formação geral, e esses conhecimentos são básicos. Como professor alfabetizador precisa ter conhecimentos técnicos sólidos e completos (...). Para ensinar alguém a ler e escrever, é preciso conhecer profundamente o funcionamento da escrita e da decifração e como a escrita e a fala se relacionam. (1999, p.130)

É necessário, pois, que a formação do professor alfabetizador privilegie também os vários aspectos ligados às dificuldades de aprendizagem na aquisição da língua e escrita.

Segundo a professora “Y” da 3ª fase do I ciclo, a principal dificuldade é a falta de motivação dos alunos. Para ela 50% dos alunos se mostram desinteressados e o que ela tem feito é tentar buscar na psicopedagogia, pois estão buscando fazer sua pós-graduação nesta área, respostas para motivar seus alunos a desenvolverem e superarem suas dificuldades.

Assim, do ponto de vista teórico-metodológico, para o desenvolvimento de novas propostas a motivação pode ser individualizada, quando os alunos apresentarem diferentes níveis de aprendizagem. Com base nas ideias de Araújo e Oliveira:

[...] A variação de metodologia possivelmente é mais crucial para os alunos que têm dificuldade em acompanhar o ritmo das aulas e que requerem um atendimento mais personalizado e maior flexibilidade. Frequentemente se eles não aprenderem na primeira explicação, uma nova explicação, usando metodologia diferente, pode ajudá-los mais do que simplesmente repetir a mesma coisa da mesma forma. (ARAÚJO e OLIVEIRA, p.322).

Logo, é importante que o professor alfabetizador possa compreender a dinâmica da aprendizagem e com a realização deste trabalho foi possível constatar o quanto é complexa esta compreensão, pois muito são os fatores que interferem no processo de aprendizagem:

- Ausência de uma prática pedagógica adequada;
- A atenção ao desenvolvimento cognitivo afetivo e social;
- Aos problemas familiares;
- A omissão de situações motivadoras.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Os resultados alcançados sinalizam que há ainda muito que estudar e agir para o cumprimento do papel do professor. Apontam também que, embora os professores saibam da existência dessas dificuldades, necessitam ainda de formação e qualificação que favoreçam a 'intervenção pedagógica no trabalho em sala de aula'.

Para isso, é preciso que, cada vez mais, os profissionais da educação se dediquem ao estudo, não somente destas dificuldades, mas de tantas outras que possam surgir e se empenham na busca de formação especializada para intervenção apropriada dentro da escola e da sala de aula, visando a inclusão e a formação dos processos do ensino e aprendizagem da leitura e escrita.

Devemos continuar considerando as salas de aula como espaços de equidade e promoção social. A escola deve proporcionar às crianças as oportunidades de aprendizagem que lhes são negadas pelas circunstâncias sociais e familiares. Aprender a ler e escrever podem ser uma experiência extremamente agradável e simples, mas também penosa e frustrante. Nenhuma criança deveria sentir-se incapaz de alcançar esse dom, nem deveria ser privada de ocasiões para fazê-lo.

É necessário comprometer as famílias nessa aprendizagem. É evidente que nem todas poderão responder da mesma maneira, mas deve-se procurar fazer com que entendam a importância de sua colaboração e obter delas alguns compromissos básicos: mostrar interesse por aquilo que seus filhos fazem na escola, ler contos para elas de vez em quando, conversar muito com eles, estar atento às suas perguntas, elogiar suas primeiras escritas.

O modo mais seguro de encorajar as crianças a aprender a ler e escrever é oferecendo-lhes experiências estimulantes e significativas de pesquisa linguística, já que a curiosidade e a surpresa são os melhores incentivos para alfabetização. Aprender a ler e escrever não devem ser um ato desprovido de emoção. Ao contrário, o entusiasmo e a alegria deveriam guiar todo o processo.

Uma vez mais, fica evidente a importância dos gestos primordiais, dos atos nos quais os estímulos e as emoções são preponderantes. Não podemos conceber a aprendizagem da leitura e da escrita separada das paixões e dos desejos que regem a vida.

Assim, as reflexões aqui apresentadas constataam a necessidade de se abrir espaços, dentro da escola, para o estudo e análise do processo de aquisição da escrita e leitura, deslocando-se o enfoque do como ensinar para como ocorre à aprendizagem do aluno.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FERREIRO, Emília. **Com todas as letras**. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 1993;

\_\_\_\_\_ **Reflexões sobre alfabetização**. 24 ed., Cortez: São Paulo, 2001.

FERREIRO, E & TEBEROSKY, A.. **A psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1984.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. 43 ed. São Paulo: Cortez, 2002;

\_\_\_\_\_ **Educação na cidade**. São Paulo: Cortez, 1991.

GALARDINI, Anna Lia. **Formação continuada e reflexiva**. Revista Pátio Educação Infantil, Porto Alegre-RS, abr./jun. 2012, ano X, número 31, p. 1.

HOFFMAN, Jussara. Ed. Mediação. 26ª Ed. 2006. Porto Alegre, p.28;

KIRK, S.A. (1962). **Educating exceptional Children**. Boston: HoughtonMifflin;

KLEIMAN, A. B. (1995). “**Introdução: o que é letramento?** Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola”, in A. B. Kleiman 1995 (org.). Os significados do letramento. Uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita, 3.ª reimpressão 2001, Campinas SP, Mercado de Letras, pp. 15-61.

LAJOLO, Marisa. **Leitura em crise na escola**. S.P: Mercado Aberto, 1982 p. 59;

LIBANEO, J.C. **Adeus professor, Adeus Professora? Novas exigências educacionais e profissão docente**. 10 ed. São Paulo: Cortez, 2007;

LORENZATO, S. Laboratório de ensino de matemática e materiais didáticos manipuláveis. In: LORENZATO, Sérgio. Laboratório de Ensino de Matemática na formação de professores. Campinas: Autores Associados, 2006. p. 3-38.

Ministério da Educação /Secretaria de **Educação Básica**. Pacto Nacional pela Alf. Da idade certa. 2013, pág. 07/08 e 09;

PATTO, Maria Helena Souza. **A produção do fracasso escolar**. 2 ed. S.P. 1999.

PIAGET, J. **A psicogênese dos conhecimentos e a sua significação epistemológica.** In P., P., M. (Org.). Teorias da linguagem, teorias da aprendizagem: o debate entre Piaget e Noam Chomsky. Ed. 70. Lisboa, 1985.

REGO, Tereza Cristina. **Uma perspectiva histórico-cultural da educação.** 17 ed. RJ. Vozes, 1995;

ROJO, R. (org.) (1998). **Alfabetização e letramento.** Perspectivas lingüísticas, Campinas SP, Mercado de Letras.

SILVA, Tomaz Tadeu. **Identidades terminais.** Petrópolis: Vozes, 1996. P.40

SOARES, Magda. **Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura.** Revista Educação e Sociedade. Campinas, vol 23, n. 81, p.48 160, dez. 2002. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>.

TEBEROSKY, Ana. **Aprendendo a escrever.** 1 ed. São Paulo, Ática, 2001;

TFOUNI, L.V. **Letramento e alfabetização.** São Paulo: Cortez, 1977.

VYGOTSKY, L.S. Luria A. R, Leontiev. **Linguagem, Desenvolvimento e Aprendizagem.** 7 ed. S.P. ícone, 2001;

WEIZ. Telma – **O dialogo entre o ensino e a aprendizagem.** 2 ed. SP. Ática, 2006.

#### **REVISTA:**

PATIO, **ANO VIII**, nº. 24 JUL/SET 2010;

PATIO, **ANO X**, nº. 31 ABR/JUNHO 2012;

PATIO, **ANO X**, nº. 30 JAN/SET2012;

PATIO, **ANO X**, nº 32 JUL/SET 2012;

<http://psicopedagogiaonlineparatodos.blogspot.com.br/2012/11/20-dicas-para-o-professor-trabalhar-com.html>

DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM NA LEITURA E NA ESCRITA ...  
bibliotecadigital.puc-campinas.edu.br/.../Marcia%20C

a aquisição da língua **escrita como processo** sociocultural - Revista ...  
www.rieoei.org/deloslectores/1877Brito.pdf

VOLUME II - Secretaria **de Estado da Educação** do Paraná  
www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/.../2009\_unio...

Anterior - Só Pedagogia: www.pedagogia.com.br/artigos/leitura/index.php?...2

universidadecandido mendes pós-graduação "lato sensu" avm  
www.avm.edu.br/docpdf/monografias.../K219619.pdf